



**Pelas Lentes dos Jornais:
Representações de uma Cidade Emergente (Florianópolis, 1972-1986)**

Maria Teresa Santos Cunha¹

Luciana Mara Espíndola Santos²

Resumo: O presente artigo procura mostrar, por meio da análise empreendida nas imagens dos informes publicitários e reportagens veiculadas em jornais de Santa Catarina, entre as décadas de 1970 a 1980, como a capital catarinense foi tentando se desvencilhar de uma representação de cidade pacata, atrasada e como um lugar provinciano, com pouca expressão no cenário nacional para representar-se/constituir-se em uma cidade “grande”, tentando realçar seus recantos naturais. Entre os anos de 1972 e 1986 o país viveu intensa agitação política, da Ditadura Militar às Diretas Já. Em Florianópolis, as lentes dos jornais possibilitam ver uma outra agitação, que buscou representar uma cidade ideal para se viver. Para tanto, buscou-se contemplar, no tempo presente, imagens que circularam sobre a cidade no período e que tornaram visíveis a construção de representações edificantes e tratativas sobre as distintas formas do vivido e do novo viver na cidade.

Palavras-Chave: Tempo Presente. Florianópolis. Representações.

**By Lenses of Newspapers:
Representations of an Emerging City (Florianópolis, 1972-1986)**

Abstract: The present article tries to show, through the analysis undertaken in the images of the publicity reports and reports published in newspapers of Santa Catarina, between the decades of 1970 and 1980, as the capital of Santa Catarina was trying to get rid of a representation of slow, like a provincial place, with little expression in the national scene to represent/constitute itself in a “big” city, trying to emphasize its natural corners. Between 1972 and 1986 the country experienced intense political agitation, from the Military Dictatorship to the Direct Already. In Florianópolis, the lenses of the newspapers make it possible to see another agitation, which sought to represent an ideal city to live. In order to do so, it was sought to contemplate, in the present time, images that circulated about the city in the period and that made visible the construction of constructive representations on the different forms of lived and new living in the city.

Keywords: Florianópolis. Present Time. Representation.

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

² Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História e Historiografia da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Diretora de Unidade Educativa da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC).



Introdução

Desde meados do século XIX, circula uma representação de Florianópolis como um lugar calmo, pacato, com sua gente simples e um modo de viver singelo, em sua maioria, construído e propagado pelos viajantes estrangeiros que a visitaram e das viagens deixaram registros (BERGER, 1984). “Tais relatos, ao descreverem os homens, a natureza, os animais, ao criarem taxonomias, fazerem projeções cartográficas, desenharem, batizarem, assumem a condição de registros fundadores” (CEZAR, 2010, p. 53).

Trata-se de uma representação que ainda povoa os imaginários no tempo presente e que foi sabidamente utilizada pelo turismo e mercado imobiliário, em busca de vendas e lucros, no século XX (décadas de 1970 e 1980). E, ainda hoje, século XXI, é possível encontrar quem “anuncie” Florianópolis como uma cidade tranquila, calma e sem problemas. Um recanto apartado da violência, dos problemas estruturais, da miséria que assola o resto do país. Há quem defenda a ideia de que o sul do país é um pedacinho da Europa no continente latino americano.

Uma “Tradição Inventada” (HOBSBAWM; RANGER, 1997) que permite misturar distintas representações da capital catarinense, representações estas que “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17). Ou seja, ora a apresentam como a capital modelo, moderna, favorecida pela tranquilidade e civilidade de sua gente, ora diagnosticam como cidade atrasada, com limitada circulação cultural, política e artística. “Desde espetáculos culturais até eventos científicos, quando saíam do eixo Rio-São Paulo faziam suas turnês somente em Porto Alegre e Curitiba” (FANTIN, 2000, p. 47).

O compromisso desse texto é apresentar imagens que circularam em jornais e também em um suplemento especial e outro infantil (ambos encartados pelo jornal O Estado/SC) que, de certa forma, dão a conhecer uma representação de Florianópolis como um bom lugar para se viver. Importa ressaltar que o estudo aqui apresentado não tem como objetivo verificar qual representação é ou foi mais adequada à cidade, ou como vencer representações onde Florianópolis aparece como um lugar provinciano, com pouca expressão no cenário nacional, mas, situar uma construção de histórias da cidade, ancorado no tempo presente, em diálogo com François Hartog (2013):



Formuladas a partir de nossa contemporaneidade, as relações que uma sociedade estabelece com o tempo caracterizam um regime de historicidade [...] e o historiador, por lidar com vários tempos, instaurando um vaivém entre as relações respectivas do presente, do passado e do futuro operacionaliza a possibilidade de construção de histórias (HARTOG, 2013, p. 37-39).

Importante, também, movimentar igualmente aspectos relacionados à representação pela abordagem da História Cultural, a partir dos estudos de Roger Chartier (2002, p. 20), que a trata como a apresentação de uma coisa ausente, ou seja, “a exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém”, foram selecionadas algumas reportagens e anúncios de publicidade que circularam em diferentes impressos catarinenses nas décadas de 1970 e 1980 forjaram representações cuja força têm ressonância no presente. O material faz parte do acervo de uma pesquisa em torno das representações de infância veiculadas em um suplemento para crianças, também durante as décadas de 1970 e 1980.

Pelas lentes de O Estado³, O Estadinho (Suplemento Infantil encartado pelo O Estado), Suplemento Especial Indústria (encartado pelo O Estado) e o Jornal de Santa Catarina⁴ é possível perceber, ainda que nuançadas por discursos comerciais ou mesmo mostradas em material destinado a crianças, a construção de uma imagem de cidade. Uma imagem cujo modelo representado por veículos de comunicação, que ajudaram a conformar uma imagem de cidade, como também atuaram nas sensibilidades (CUNHA, 2011) de seus leitores.

Viver Bem: Florianópolis e a Construção de um Lugar Perfeito

A cidade envolta num espelho d’água natural, mergulhada numa Ilha, cercada de morros verdes, onde o céu encosta no mar, não fica imune aos olhares daqueles que a apreciam e daqueles que a especulam. A paisagem tem seu preço maior ou menor dependendo do lugar onde ela se situa, dos seus vizinhos, das avenidas e rodovias que lhe dão acesso, das montanhas que a cercam, do mar mais límpido e perfumado. Vendem-se paisagens, vendem-se fragmentos da natureza, vendem-se imagens. A beleza da cidade vira um grande negócio. O discurso publicitário traduz em signos a mais perfeita representação do ideal do bem viver e do prazer (FANTIN, 2000, p. 72).

A constatação da pesquisadora Márcia Fantin (2000, p. 231) resultado de sua pesquisa doutoral, sobre os “dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis”, confirma a

³ Jornal de circulação diária em Santa Catarina, com sede em Florianópolis, criado em 1915 por Henrique Rupp Junior e Ulysses Costa. Parou de circular em 2009.

⁴ Jornal de circulação diária em Santa Catarina, com sede em Blumenau, fundado em 1971 por iniciativa dos empresários Wilson de Freitas Melro e Caetano Deecke de Figueiredo.



ideia de que nos anos de 1970 e, principalmente, nos anos 1980, houve um movimento bastante forte que consistia em transformar Florianópolis, de imediato, num destino turístico de primeiro mundo e depois, num local perfeito para se viver. Mas, não foi só isso. Mudar o imaginário que concedia a Florianópolis o título de cidade pacata, para cidade grande e modernizada incluía também publicizar nas páginas dos jornais produtos que representassem o que havia de moderno, produtos que quitavam tempo e ofereciam mais conforto aqueles que os comprassem (FANTIN, 2000).

Uma modernidade que se insinuava sob a forma de anúncios de produtos industrializados como aparelhos eletrodomésticos, de som, discos de vinil e até novas formas de moradia – apartamentos – como espaços privilegiados em que a família reunida se retemperará para os revezes e alegrias da vida. A televisão ganhava destaque nos anúncios, ora, se Florianópolis queria ser alçada a cidade “maravilhosa”, precisava não só contar com suas belas paisagens, mas ter, ou melhor, oferecer produtos que permitissem com que as pessoas tivessem conforto também em seus lares. No encarte publicitário veiculado em 1º de Fevereiro de 1976, a chamada “férias com PHILIPS”, sugere que televisão, rádio e outros equipamentos de som sejam associados ao ócio, ao lazer e, possivelmente, a uma vida com comodidades e prazeres, utilizados não só nas férias.

Figura 1 – Encarte Publicitário Lojas Pereira Oliveira

Fonte: Jornal O Estado (8/02/1976)



A propaganda de produtos “modernos”, a televisão colorida, depiladores elétricos visavam atender um mercado consumidor em formação, não restrito a aos “antigos” moradores da cidade. Havia uma preocupação em atender também os novos habitantes que aqui chegavam para exercer atividades profissionais oferecidas pelas diversas instituições que se instalavam na capital. Foi em 1982 que a cidade de São José (cidade continental e vizinha a Florianópolis) recebeu o *Shopping Itaguaçu*, um centro de compras e lazer para atender a capital e cidades vizinhas, pois o primeiro shopping da Ilha capital foi inaugurado somente 11 anos depois. O informe publicitário do dia 3 de outubro de 1985, veiculado no jornal *O Estado*, além de esboçar um perfil desejado de consumidor, apresenta-se como um serviço quase que indispensável à região da Grande Florianópolis⁵.

Figura 2 – Encarte publicitário *Shopping Itaguaçu*



Fonte: Jornal O Estado (3/10/1983)

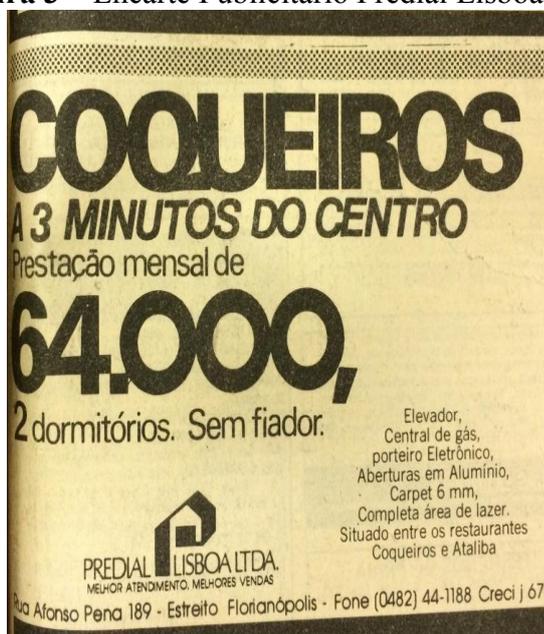
Os anúncios imobiliários, sobretudo, os de venda de imóveis ofereciam aos leitores e potenciais compradores, apartamentos em edificações com serviços diferenciados, buscando atrair a atenção de um público local, disposto a investir nesse novo estilo de vida, mas também de olho naqueles que chegavam à capital para trabalhar nas grandes empresas em

⁵ Grande Florianópolis refere-se ao conjunto de cidades vizinhas a capital catarinense, compreendendo a capital obviamente e as cidades de Águas Mornas, Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Biguaçu, Canelinha, Governador Celso Ramos, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Palhoça, Paulo Lopes, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, São João Batista, São José, São Pedro de Alcantra e Tijucas.



instalação, órgãos públicos em consolidação e mesmo os profissionais liberais.

Figura 3 – Encarte Publicitário Predial Lisboa Ltda.



Fonte: Jornal O Estado (23/07/1983)

Nesses anúncios estar perto do centro, ou seja, próximo aos serviços, às escolas, às empresas, ao comércio ganha destaque. Uma via de mão dupla: morar de frente para o mar, mas estar colado com toda a modernidade e “comodidade” oferecida pelo centro da cidade, praticamente o quintal de casa. As lentes dos jornais atestavam para essas mudanças, atuantes diretamente no imaginário de seus leitores, nas sensibilidades. Os jornais atuavam nesse processo, “pela qual os indivíduos percebem e traduzem o mundo em representações, processo que envolve sensações, emoções, sentimentos, elaborações racionais, conceitos” (SANTOS, 2010, p. 240).

Símbolo de modernidade, de avanço, os relógios termômetros digitais, espalhados hoje pela cidade, nos dão a sensação de sempre terem estado “ali”. Sua chegada em meados da década de 1980 foi anunciada com pompa e circunstância, festejada em pleno domingo, dia de sua inauguração. Os jornais, mais uma vez, atuaram na construção e consolidação dessa Florianópolis moderna, ligada aos grandes centros, comparada com sua vizinha Porto Alegre. Mas, o mesmo anúncio que tenta dar a cidade ares de metrópole, atesta para sua distância com o estado gaúcho quando afirma: “a Ativa já está há 17.520 horas no Rio Grande do Sul, anunciando dias de muito sol e dias de muito frio. Agora é a vez de Santa Catarina” (O



ESTADO, 1985, p. 19). Isso permite dizer que Florianópolis levou mais de dois anos para ter em suas ruas, o equipamento que pelo visto, já havia se popularizado nas cidades gaúchas.

Figura 4 – Anúncio Publicitário Ativa



Fonte: Jornal O Estado (12/10/1985)

O imaginário de Florianópolis como uma cidade provinciana, atrasada, encapsulada em costumes e tradições açorianas, também foi desmitificado pelo historiador Felipe Matos (2005), que ao estudar a formação de leitores na capital, nos anos de 1830 a 1960, apresenta outra cidade: que consumia livros discutia e que, muitas vezes, esteve mais para agitada do que para pacata, demonstrando que havia uma vida cultural, em oposição à: “ideia de que Florianópolis era uma ilha ‘isolada’, ‘pacata’, ‘monótona’, ‘provinciana’, alheia aos principais acontecimentos do seu tempo” (MATOS, 2005, p. 13).

Se, nos anos estudados por Felipe Matos, Florianópolis já dava indícios de que não era uma cidade tão humilde e modesta, foi na década de 1970, iniciando no final da década anterior, que ocorreram as mudanças na cidade e também no Estado de Santa Catarina, como já mostrado nas páginas anteriores. Os jornais circulavam eufóricos o crescimento catarinense e, em meio a uma ditadura de mortes, perseguições e censuras a cidade foi alvo de investimentos, de políticas para crescimento e da construção de uma capital ligada à



modernização e ao consumo. Uma modernização que se iniciara na década de 1950, mas que tem seu ápice nas décadas de 1970 e 1980, quando então a Ilha de Santa Catarina, passa a ostentar, pela via da linguagem, o título de “paraíso internacional do turismo” (FLORES, 2006). Uma modernização que já havia visitado a cidade no início do século, um movimento de “repetição” que:

[...] permite ações e atividades singulares. Ritos ou dogmas dependem de repetibilidade para garantir sua constância. Costumes, regras e leis repousam na aplicabilidade repetida, sem a qual não pode haver ordem e justiça. Cada constituição, instituição e organização no âmbito político, social ou econômico depende de um mínimo de repetição, sem a qual elas não seriam capazes de se adaptar nem de se renovar. Toda recepção contém ou revela repetições. O mesmo vale para a história da linguagem (KOSELLECK, 2014, p. 13-14).

Considerando, então, que todas as ações humanas contêm diferentes estruturas de repetição, o movimento torna a ocorrer, nas décadas de 1970/1980 não mais em busca de uma cidade asseada, livre de miasmas, de um povo limpo, higiênico, agora modernizar-se era organizar a cidade para a recepção e manutenção de uma classe consumidora e de uma cidade voltada para o turismo e pela construção imagética de um lugar perfeito para morar.

Não foram poucas as manchetes, reportagens e suplementos que noticiaram com orgulho o crescimento do Estado. O caderno especial “Indústria”, que circulou no ano de 1976, no jornal O Estado, enaltece o papel do governo e enfatiza a importância da expansão industrial ocorrida na primeira metade da década de 1970 para o desenvolvimento econômico e social do Estado. O incentivo fiscal aos empresários visava a expansão dos setores comerciais catarinenses, e o Banco do Estado de Santa Catarina (BESC) tornava-se líder do suporte financeiro e consolidava-se como o “Banco dos Catarinenses”. A energia elétrica também se expandira e o Estado contava com o maior complexo termelétrico a carvão da América Latina. E, com orgulho, o caderno especial “Indústria”, salientava:

Santa Catarina possui disponibilidade de energia elétrica para atender a demanda efetiva e potencial, estando atualmente fornecendo energia para os limítrofes do Estado do Paraná e do Rio Grande do Sul. A produção de energia no Estado cresce a níveis superiores a demanda real, tanto doméstico, comercial ou industrial, elevando-se de 972,8 Kwh para 1.133.273 Kwh, em 1973 representando um crescimento na ordem de 32,2 por cento (O ESTADO/Suplemento Especial Indústria, s/d⁶, p. 8).

⁶ Este material foi localizado no Instituto Histórico Geográfico, em pasta: “Suplementos Santa Catarina 1976”, nos permite inferir, ainda que não se possa precisar a data de publicação, que o Suplemento Especial Indústria, tenha sido editado nos anos de 1975 ou 1976, pois as reportagens contêm dados estatísticos de 1970 a 1975.



A Companhia Catarinense de Telecomunicações (COTESC)⁷ também está no suplemento especial, exibindo vaidosa manchete: “COTESC aplica 800 milhões em comunicação moderna, rápida e total” (O ESTADO/ Suplemento Especial, 24/05/1976, p. 10). Assim como essas empresas, sua longa matéria mencionava também o crescimento do Estado: Partindo da crescente urbanização da economia catarinense, a COTESC compôs um programa de ação, o Plano Diretor de Telecomunicações, que fosse capaz de se compatibilizar com o crescimento vertiginoso da economia do Estado (O ESTADO/Suplemento Especial, 24/05/1976, p. 10).

Mas, a preocupação não estava somente voltada ao crescimento econômico do Estado, mas à ‘modernidade’ que chegava à capital. Em anúncio de jornal, ocupando quase metade da primeira página de O Estado, em 26 de outubro de 1972, a COTESC avisa: “Cidade ganha orelhões”. Com foto em preto e branco, destacando uma cabine em pleno uso, a matéria mencionava que, no Rio de Janeiro, os orelhões foram instalados com sucesso, e solicitava ao público que zelasse por esse mais novo artefato incorporado às ruas florianopolitanas. E, em menos de dois anos, a mesma Companhia, ocupando quase o espaço de uma página de jornal, anuncia a venda de telefones fixos e lotes de ações da empresa (Figura 5, a seguir). “Em poucos meses, ele estará instalado e pronto para lhe proporcionar muito prazer” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 9 e 10/ 05/ 1974, p. 1).

Tornado símbolo de modernidade, o telefone se transformava em um artefato de distinção e status. Ter uma linha telefônica significava ter dinheiro (inclusive ações) e boas relações, ou seja, havia não só uma rede de sociabilidade, como também protocolos de sociabilidade (CUNHA, 2011) que tanto os anúncios, como as próprias listas telefônicas daquele período, ajudavam a formar, pois conforme dizia o anúncio: “Com um telefone você vai economizar tempo, não vai mais precisar andar de cima para baixo para dar recados, fechar negócios ou combinar seus passeios” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 1974, p. 21).

⁷ COTESC, Companhia Catarinense de Telecomunicações, em 1974 torna-se subsidiária do sistema Telebrás e passando a denominar-se TELESC – Telecomunicações de Santa Catarina S.A.



Figura 5 – Anúncio Publicitário COTESC



Fonte: Jornal de Santa Catarina (9 e 10/06/1974)

Se hoje, o *status* e a distinção recaem sobre o aparelho em si (*IFone* e *SmartFones*), na década de 1970, ter uma linha era o que importava, e o objeto (telefone) seguia um determinado padrão (tal qual o do anúncio), pouco se diferenciando. Se o telefone ajudava a encurtar distâncias e permitia comunicação em tempo real, a abertura de novas estradas - meta do Governo Estadual (1975 a 1979), que tinha como lema “Governar é encurtar distâncias” - também proporcionou um salto desenvolvimentista para Santa Catarina, e a capital passava a ser vitrine desse progresso.

Para o jornalista Moacir Pereira (1992), a década de 1970 foi marcada como o tempo da modernização, sobretudo, na imprensa. Houve, em decorrência dessa onda, competição para atrair leitores, ampliar a circulação e ganhar anúncios. O jornalista destaca fato bastante curioso, envolvendo meios de comunicação, censura e regime militar, mostrando que, por um lado, se o período foi de violenta censura, de repressão à imprensa e perseguição política, por outro, fatores externos à imprensa/comunicação, como o desenvolvimento acelerado da industrialização ajudaram no crescimento econômico, o que, em certa medida, também beneficiou a imprensa no Estado. Em suas palavras:

[...] esta modernização ocorre no período mais agudo da censura militar aplicada à



imprensa brasileira em toda sua história. É uma época que coincide com o desenvolvimento econômico de importantes regiões de Santa Catarina - a industrialização crescente do Vale do Itajaí e do Norte, a consolidação da agroindústria no Oeste, o novo estágio vivido por Florianópolis com a Universidade e o “boom” imobiliário proporcionado pelo BNH. Terrível paradoxo. É o período em que os jornalistas desfrutaram de maior liberdade política para realização de seu trabalho, no que se refere ao noticiário estadual. A presença da censura prévia é acentuada apenas em relação ao noticiário nacional. As razões desse quadro excepcional são de ordem política e mostram mais uma vez as relações entre poder político e a comunicação no Estado (PEREIRA, 1992, p. 75).

Em estudo sobre o crescimento econômico e as desigualdades sociais no período da ditadura militar, Goularti Filho e Rabelo (2014) também destacam o desenvolvimento e crescimento do Estado nas regiões, sendo que houve uma especialização e diversificação de produtos de acordo com a localidade. Assim, o desenvolvimento do setor eletrometalmeccânico concentrou-se no norte onde também, mais precisamente no Vale do Itajaí, destacou-se o vestuário e a indústria têxtil. No planalto serrano e norte a madeira e seus derivados foi o carro-chefe; no oeste expandiu-se a agroindústria; no sul do Estado, o setor carbonífero e a cerâmica, foram os dois principais vetores da região e; na capital, a construção civil e o turismo. Quanto à Capital, como afirmam Acordi e Freire (2010):

Florianópolis, por sua condição geográfica de ilha e pela falta de infraestrutura não possuía potencial para se industrializar, contudo, houve investimentos maciços na área da construção civil e, mais tarde, na questão do turismo, que deram conta de uma espécie de “milagre florianopolitano” na década de 1970 (ACORDI; FREIRE, 2010, p. 57).

Caracterizada pelo desenvolvimento e crescimento em diversos setores da economia, a década de 1970 marcou o país e também Santa Catarina pelo que se chamou de “milagre econômico”. Entretanto, os bons resultados obtidos desde o final da década de 1960 até boa parte da década de 1970, a exemplo do Produto Interno Bruto, que chegou a média de 10% ao ano entre 1968 e 1976, logo levariam à crise econômica e ao crescimento da dívida externa. Se, por um lado, houve um crescimento econômico no país, por outro, a desigualdade social, que deveria se amenizar, também cresceu.

Segundo os pesquisadores Goularti Filho e Rabelo (2014, p. 207): “havia uma crença que a industrialização e a modernização das estruturas produtivas trariam benefícios sociais para uma ampla parcela da população”. Os autores ainda ressaltam que o que houve, por conta de um desenvolvimento da economia oriundo de um regime autoritário, foi uma distância ainda maior entre ricos e pobres.



Em 1960, os 10,0% mais ricos absorviam 39,6% da renda, e os 50,0% mais pobres, 17,4%. Em 1980, o quadro piorou, aumentando para 50,9% para os mais ricos e diminuindo para 12,6% para os mais pobres. Apenas 10,0% da população de um país de dimensões continentais, industrializado e com 110 milhões de habitantes em 1980, controlava mais de 50,0% da renda nacional (GOULARTI FILHO; RABELO, 2014, p. 207).

Voltando à capital catarinense, é importante destacar que, assim como em toda a sociedade brasileira ocorreram esforços para uma homogeneização como parte de um projeto do governo militar, isso também não foi diferente em Florianópolis. A parte insular da cidade foi o grande alvo e os projetos de modernização e expansão da cidade privilegiava as camadas altas e médias da sociedade (ACORDI; FREIRE, 2010).

Os discursos e práticas que tinham o intuito de homogeneização da capital catarinense foram investigados não só por historiadores, arquitetos urbanistas, geógrafos, também voltaram suas pesquisas para esse momento histórico, vividos em meio a uma ditadura civil militar e início de processo de reabertura política. Margareth de Castro Afeche Pimenta (2005), Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2005), Francisco Antônio Carneiro Ferreira (2005) apontam para os problemas relacionados às questões urbanas e à perda paisagística e cultural de localidades em que o projeto de modernização, seja pela via da propagação de serviços ou pela onda turístico-imobiliária, alteraram Florianópolis sem o cuidado de preservar na cidade, aspectos importantes de seu patrimônio histórico e cultural.

Pimenta (2005) refere-se à perda do mar, vivida pelas comunidades pesqueiras, como um dos fatores que alteraram a paisagem e também a cultura local açoriana, que perdendo espaço foi se enfraquecendo até transformar-se em uma atividade que hoje, embora ativa, já beira à extinção. Para a pesquisadora, a possibilidade de ganhar dinheiro com a venda da terra e uma certa inexperiência econômica no mercado imobiliário, levaram do pescador aquilo que então era seu e “assim, sem se aperceber, a comunidade pesqueira fica sem o mar” (PIMENTA, 2005, p. 42).

Nessa direção, ao descrever os impactos ambientais e culturais nas comunidades nativas do bairro Jurerê, em Florianópolis, Ferreira (2005) lamenta o projeto de urbanização que na década de 1980, fez nascer “Jurerê Internacional” e suas consequências à vida dos antigos moradores.

[...] a qualidade de vida da comunidade descendente de antigas famílias de pescadores artesanais, após a implantação desse empreendimento, tem-se alterado principalmente em função do comprometimento da capacidade e vocação dos



ecossistemas naturais da região, base para sustentação das atividades econômicas tradicionais presentes e futuras (FERREIRA, 2005, p. 111).

Figura 6 – Anúncio Publicitário Habitasul



Fonte: Jornal de Santa Catarina (12 e 13/10/1982)

Monteiro (2005), ao falar de suas memórias como ex-morador da capital e ex-professor do curso de Geografia da Faculdade Catarinense de Filosofia, fundada em parceria com o Professor Dr. João Dias da Silveira (USP), analisa o crescimento e desenvolvimento urbano da cidade nas décadas de 1960 e 1970. Destaca duas mudanças de semelhante ordem, mas que apenas uma delas teria sido “positiva” para a cidade e quem nela transitava. O geógrafo caracteriza como positiva o aterro norte, faixa que compreende desde a ponte Hercílio Luz, até o bairro Trindade (onde se localiza a Universidade Federal de Santa Catarina), cuja obra melhorou significativamente aspectos ligados a circulação e a urbanização.

Aquilo que era um fundo de quintal de residências, dera lugar a um paredão de edifícios de apartamentos residenciais, acompanhados da franja de bares e restaurantes que incluíram a orla no circuito de lazer noturno da cidade. Tanto na fronteira Av. Rubens de Arruda Ramos quanto as suas paralelas, à retaguarda. A presença do campus da UFSC na Trindade e a Eletrosul no Pantanal⁸ não só necessitavam de uma via favorável ao acesso rápido como induziram uma expansão da ocupação urbana, nos vazios e hiatos existentes (MONTEIRO, 2005, p. 19).

A historiadora Maria Bernadete Ramos Flores (2006), também se manifesta por meio

⁸ Bairro vizinho a Trindade, que abriga atualmente parte do campus universitário e também a Eletrosul.



de suas pesquisas, sobre os processos de modernização na Ilha e argumenta sobre a demolição do Bar Miramar – para dar lugar ao aterro da Baía Sul – como um rompimento da “Florianópolis portuária, marítima, e a faz definitivamente cidade rodoviária, do automóvel, do forasteiro, da verticalização, do adensamento urbano, cidade turística, cidade do desejo, alegórica, metamorfoseada, cidade-memória” (FLORES, 2006, p. 27).

Nos discursos dos pesquisadores, a preocupação com a descaracterização local e certa perda dos aspectos de uma cultura pesqueira, dão indícios de uma ampliação na diversidade cultural em Florianópolis, sobretudo, com a consolidação da Universidade Federal de Santa Catarina, a chegada da Eletrosul e o desenvolvimento imobiliário e turístico. Modificações na arquitetura, nos hábitos e nas falas marcam a década de 1970. A cidade foi ganhando novos contornos: o Miramar deixou de compor a paisagem florianopolitana, cedendo lugar ao aterro da Baía Sul; onde só se ouvia o sotaque açoriano, a fala rápida e forte som do x, passou-se também a escutar uma fala mais pausada, embora, cantada e com termos pouco conhecidos na cidade.

De acordo com a pesquisadora Márcia Fantin (2000), pode-se considerar que para além da criação de polos industriais, de maior giro de capital, de grandes concessões de crédito, a produção de Florianópolis e também de outras cidades no Estado em ‘cidades modernas, dinâmicas’ alterou a vida local, não só em grande escala, mas também em micro, na pequena escala. A vida cotidiana dos sujeitos foi se mesclando, seja com a chegada do asfalto no bairro ou com o hábito de um vizinho de tomar chimarrão à porta de casa.

Significativa mudança em Florianópolis e na sua paisagem foi o desenvolvimento e crescimento da construção civil. O mercado imobiliário em expansão alterou a “cara” da cidade. Primeiro o centro, e, seguidamente, bairros considerados mais periféricos, como Trindade, Pantanal, Carvoeira, Córrego Grande, foram alvo de mudanças. O centro da cidade, na década de 1970, sofreu diversas modificações, muitas das quais, sinalizadas pelos impressos que circulavam no momento.

A verticalização da cidade dava ares modernos, modificando a paisagem e também a forma como as pessoas iam se relacionado com aquele espaço. Antigos casarões vieram a baixo e logo se ergueram prédios com muitos andares; o Miramar foi destruído, a ponte Colombo Salles inaugurada e; o Aterro da Baía Sul foi afastando o mar do centro. O centro



era o ponto de chegada terrestre na ilha e abrigava muitos prédios e repartições públicas. O comércio central cresceu com a expansão vertical, logo se tornando também alvo da criminalidade. Até mesmo a pesca artesanal, atividade expressiva na capital, rendeu-se à indústria pesqueira e o ofício, antes passado de pai para filho, foi ficando na memória dos mais “velhos”, pois os filhos vislumbravam outras possibilidades de ganhar dinheiro, sendo o turismo uma delas.

Sendo uma cidade pensada para a homogeneização, a capital catarinense pareceu - em meio ao projeto arquitetado pelo governo militar - ter descuidado dos problemas sociais, o que fez crescer a marginalização, a pobreza e os problemas com segurança, fatores que também interferem diretamente no modo com as pessoas vivem a cidade. Os muros foram se tornando comuns e a rua, em determinados lugares e horários, tornou-se mais perigosa, o investimento para modernizar a cidade e dar a ela “cara” de cidade grande, trouxe problemas de ordem urbana, contribuindo ainda mais para uma mudança de sua arquitetura.

Tal fato foi retratado por um suplemento infantil, que claramente advogava em favor de espaços ao ar livre para crianças, numa tentativa de que Florianópolis continuasse a ser representada como um recanto pacato, seguro e cheia de possibilidades para crianças brincarem na rua. O Estadinho dá mostras de que as modificações ocorridas na cidade chegavam também a afetar as crianças e as possibilidades de viver as infâncias. Nesse sentido, “Minha Cidade Crescida”, matéria que ocupou duas páginas do suplemento e foi anunciada na Capa - embora tenha conteúdo distante da discussão dos aspectos urbanos -, sugere, pela foto que ocupa toda a primeira página do jornal, o aparecimento de uma nova cidade (Figura 7).

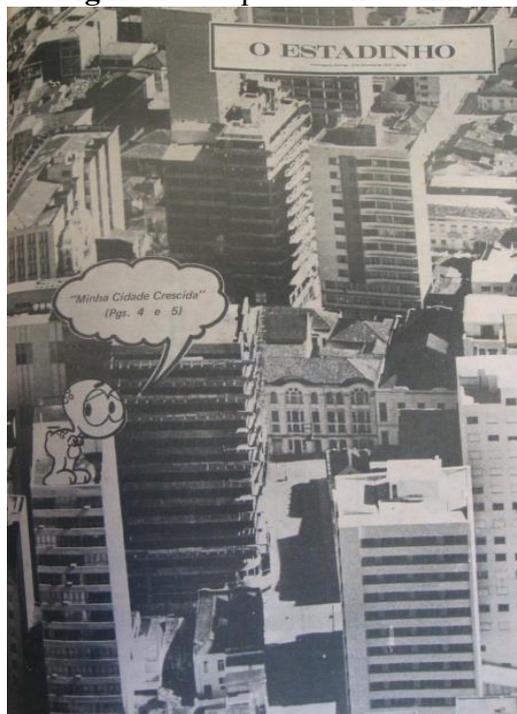
A foto mostra uma Florianópolis verticalizada (Figura 7), com muitos prédios e quase nenhum espaço para as brincadeiras ao ar livre e junto à natureza. O título da matéria, também em destaque na Capa, infere a pensar que a Capital atingiu a idade adulta, tal como as grandes metrópoles, cujo processo de modernização já se consolidara. Curioso é que texto escrito pelo Padre Edgar Oliveira⁹ não relaciona as modificações urbanas da cidade, sendo muito mais um apelo cristão aos sentimentos evocados com o final de ano e as datas festivas, sobretudo, o Natal, talvez indícios de que fora dos editores do suplemento o desejo de mostrar

⁹ Padre Edgar Oliveira, natural de São João Batista/SC, viveu em Florianópolis muitos anos. Sua atuação na vida presbiteral tem mais de 50 anos. Por seu envolvimento em Grupos de Escoteiro e em movimentos ligados à Juventude estudantil católica, foi agraciado em 2008, com o troféu “Manezinho da Ilha”.



aos pequenos leitores que o “pedacinho de terra perdido no mar¹⁰” tinha se transformado em “cidade crescida”.

Figura 7 – Capa de O Estadinho



Fonte: Suplemento O Estadinho (10/12/1972)

Outra publicação em O Estadinho, do ano de 1975, sobre a indústria carbonífera, mostra que o suplemento não estava alheio às mudanças da capital, nem às transformações ocorridas no Estado. Em um momento em que o próprio jornal “O Estado” divulgava o desenvolvimento das áreas industriais de Santa Catarina, o jornal infantil fez circular entre seu público, ideias de modernização e progresso. Na reportagem: “É bom que você saiba um pouco sobre nosso carvão”, exalta-se a atividade extrativista e o posto ocupado pelo Estado catarinense de maior produtor de carvão mineral do país.

Destacam-se os equipamentos utilizados para a extração, tanto em foto, quanto no texto, representando um processo de modernização na atividade. A foto destaca a máquina em pleno processo de extração do mineral. O texto afirma que a imponente máquina é a 2ª do seu gênero no mundo. “Tão grande ela, que seu transporte não pôde ser feito por via férrea (a caçamba não passava no túnel de quase um quilômetro de extensão entre Siderópolis e Criciúma) devido à altura da mesma” (O ESTADINHO, 26/01/1975, p. 7).

¹⁰ Parte da letra “Rancho de Amor a Ilha, do compositor Cláudio Alvim Barbosa (Zininho), escrita em 1965.



Figura 8 – Reportagem sobre a Indústria Carbonífera em Santa Catarina



Fonte: Suplemento O Estadinho (26/10/1975)

Entretanto, em 1985, o suplemento, em uma reportagem que problematizava questões acerca dos cuidados com o lixo, permite ver nos detalhes certa “naturalidade” aos agora já incorporados padrões da modernidade. O texto mostra que para viver em sociedade são necessárias organização e consciência coletiva, ambos faltosos em muitos espaços. Sem abordar diretamente os entraves de uma cidade grande permite pensar sobre algumas ocorrências típicas das grandes cidades brasileiras, como a ocupação dos espaços e os problemas decorrentes da falta de atitudes menos individualistas.

O texto conta a história de duas crianças, João e Maria, que ao verem as lixeiras de seu prédio desorganizadas começam a problematizar a situação, discutindo o lixo como um problema de saúde pública. Chama a atenção o título da matéria: “João e Maria estão saindo do prédio onde moram para brincar quando” (O ESTADINHO, 14/04/1985, p. 7), dando a ideia de que a habitação em prédios já se tornara bastante comum. Se, na história dos Irmãos Grimm, os personagens vividos por João e Maria moravam em uma casa na floresta, no texto de O Estadinho, as crianças vivem na cidade, em um prédio, e não estão preocupados com a maldade de um familiar, ou com uma questão privada, mas com problemas de ordem pública ou, no mínimo, coletiva.

Uma representação de cidade grande, de “metrópole”, a Florianópolis que mesclava



aspectos de “progresso”, com situações de extremo “atraso”, como disse Fantin (2000, p. 49): “Sinais da metrópole: violência que acompanha o crescimento e o progresso, perda de laços e hábitos comunitários e avanço do anonimato”, versus “mentalidade provinciana, da cidade pacata, sem agito cultural” (FANTIN, 2000, p. 49-51).

Clóvis Medeiros, jornalista que em sua infância colaborou com O Estadinho e vivenciou as transformações em Florianópolis, publicou no jornal O Estado, de 28 de março de 1982, matéria que fazia eloquentes ponderações sobre a relação entre o urbano, progresso, industrialização, moderno, cidade e campo. Clóvis justifica que os espaços urbanos precisam ser pensados para além de um projeto de homogeneização cultural, para ele: “o caráter político do planejamento urbano diz respeito, essencialmente, a sua capacidade de garantir o papel de negociação e mediação frente às pressões e reivindicações dos setores populares” (MEDEIROS, 1982, p.28).

Embora o jornalista não tenha feito menção sobre o que seriam aquelas reivindicações populares é possível dizer, por meio dos estudos de Lohn (2016, p. 325) que “morar na cidade tornou-se algo cada vez mais complexo e, principalmente mais custoso [...] o que acentua as características de segregação urbana”, em alguns lugares onde foi planejada a construção de conjuntos habitacionais populares na região da grande Florianópolis, não havia serviço de esgoto.

Figura 9 – Anúncio publicitário Edifício Sur La Roche

EDIFÍCIO SUR LA ROCHE

A Emplaco escolheu a serenidade do Bom Abrigo para construir o Ed.Sur La Roche. Você vai encontrar beleza e tranquilidade. E terá o privilégio de morar como sempre sonhou, num apartamento com três dormitórios, sala de estar e jantar, área de serviço, copa e cozinha, dependência de empregada. E muito espaço e claridade exclusivamente para você.

O Ed.Sur La Roche está sendo construído sobre uma rocha, diante de um dos panoramas mais bonitos da cidade.

Longe do barulho, dos perigos do trânsito. No Ed.Sur La Roche, você vai conviver com coisas boas. E verdadeiras. Sur La Roche- mais um empreendimento Emplaco.

VENDAS: PREDIBENS
Av. Rio Branco, 142 ou solicite a vista de um corretor, pelos fones - 22-0299 e 22-6099
CRECI - 25

Fonte: Jornal O Estado (01/02/1976)



Lohn (2016) autor analisa a presença de habitações populares localizavam-se na parte continental da cidade e em cidades vizinhas, sendo que somente em 1980 foi construído o primeiro conjunto habitacional na ilha, localizado no bairro Saco Grande. Tais fatores dão consistência às críticas lançadas por Clóvis. Florianópolis, para determinados grupos sociais, sobretudo, investidores e empresários da construção civil deveria ser representada como cidade dos recantos, mas com estrutura de primeiro mundo, longe de problemas sociais, da marginalização e da pobreza. Assim mostram os anúncios imobiliários das décadas de 1970 e 1980, dando a ver a representação de uma cidade bela e com excelentes serviços, dignos das construções dos grandes centros.

Figura 10 – Anúncio publicitário Conjunto Residencial Sol e Mar

PISCINA - CHURRASQUEIRAS - SALÕES DE FESTAS E PARQUE INFANTIL
ESTE É O NOVO CONJUNTO RESIDENCIAL SOL E MAR
QUE JÁ ESTAVA BOM - AGORA FICOU AINDA MELHOR!

O SUCESSO CONTINUA: NOVA E MAGNÍFICA OPORTUNIDADE
LUXO E BELEZA - ESPETACULARES APARTAMENTOS
150M² DE CR\$ 160.000.000 POR CR\$ 95.688.000
NÃO SOMOS CONSTRUTORES – NOSSO OBJETIVO NÃO É LUCRO FINANCEIRO EM NOSSOS IMÓVEIS. POR ISSO TEMOS O MELHOR PREÇO E AS MELHORES CONDIÇÕES PARA VOCÊ COMPRAR O SEU MAIS BELLO APARTAMENTO ATÉ DIA 20-10-85 POR PREÇOS DO TRIMESTRE PASSADO. E PORTANTO: É O MAIOR SUCESSO IMOBILIÁRIO DE FLORIANÓPOLIS.

GARANTIA TOTAL
CADERNETA DE POUPANÇA BANESTADO

E VOCÊ SABE: SÃO APARTAMENTOS DO MAIS ALTO PADRÃO – COM 2 EXCELENTE DORMITÓRIOS E UMA SUITE OPCIONAL – GARAGEM E CENTRAL DE GÁS. ALÉM DE LINDA VISTA PANORÂMICA. E A UM PASSO DO CENTRO. NO PRINCIPAL PONTO TURÍSTICO DE FLORIANÓPOLIS. POUPANÇA Cr\$ 4.750.000 PRESTAÇÃO Cr\$ 1.088.000. PLANO EQUIVALÊNCIA SALARIAL.

RUA 14 DE JULHO, 285. APARTAMENTO - 201 - BLOCO H. FONE: 0482 - 44-2794.
NO COMEÇO DA PONTE COLOMBO SALES – ENTRE A PONTE HERLIO LUZ. VISITE NOSSO APARTAMENTO MOBILIADO. IMPORTANTE: SE VOCÊ ALUGAR UM DESSES APTOS. NO VERÃO UM MÊS, VOCÊ PAGA A PRESTAÇÃO DO ANO INTEIRO. VENHA FALAR CONOSCO. O APTO. QUE VOCÊ PROCURA ESTÁ AQUI – MAS SO ATÉ 20-10-85. RESTAM POUCAS UNIDADES. LIGUE JÁ – FONE: (0482) 44-2794.

DEPARTAMENTO DE VENDAS EXCLUSIVAMENTE NO LOCAL, INCLUSIVE SÁBADOS E DOMINGOS DAS 8:00 ÀS 18:00 h.

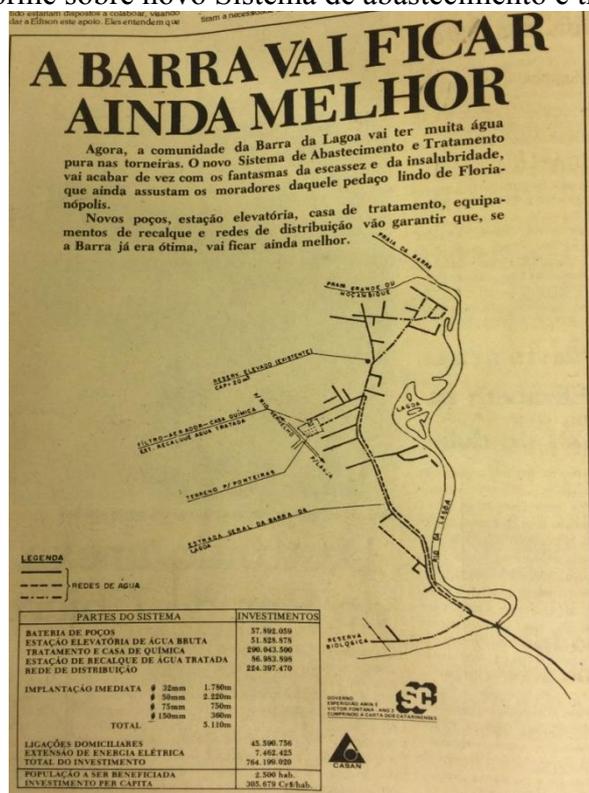
Fonte: Jornal O Estado (15/12/1985)

Vista para o mar, elevador, porteiro eletrônico, gás central são os requisitos de um “morar bem” em Florianópolis, desfrutando também das belezas e de uma “suposta” tranquilidade. Um pacote perfeito, que por meio desses anúncios dava a capital catarinense uma representação de cidade bela e moderna. Entretanto, fora do marketing imobiliário, os jornais, cedendo à pressão de moradores, destacavam as mazelas de uma cidade que crescia sem muita estrutura, denunciando a falta de serviços públicos e pedindo por melhores condições de vida urbana.

O jornal O Estado de 3 de outubro do ano de 1985, aborda os constantes problemas de engarrafamento, fruto da má sinalização, dificuldade de escoamento de veículos para a ponte Colombo Salle e falta de estacionamento. Já na edição de 17 de outubro do mesmo ano, uma página inteira foi dedicada a apresentar aos leitores, o novo tratamento de águas na comunidade da Barra da Lagoa, que até então sofria com a precariedade.



Figura 11 – Informe sobre novo Sistema de abastecimento e tratamento de água



Fonte: Jornal O Estado (15/12/1985)

A matéria com direito a imagem reforça a representação de Florianópolis como cidade bonita e com boa infraestrutura, imagem que o governo também propagava. Porém as tais “melhorias” pareciam muito mais atrair visitantes e possíveis novos moradores para a capital, do que propriamente atender as reclamações de seus residentes. A imagem de Florianópolis ligada, sobretudo, ao novo e ao moderno e sem abrir mão de suas genuínas belezas era um grande trunfo, tanto do mercado imobiliário, quanto do próprio governo.

Já o Suplemento Infantil, *O Estadinho* passou a exibir, a partir de 1984, histórias em quadrinhos, como as de “Cabelo e Pepeco”, personagens criados por Mauro Faccioni Filho¹¹ e Aldy Maingue¹², que representavam as cotidianidades da cidade e, de certa forma, davam a ver não só as diferenças entre as formas de viver a capital catarinense, mas, sobretudo, as mudanças nela ocorrida. Uma espécie de contraponto com a aceleração urbana e o progresso

¹¹Mauro Faccioni é engenheiro e professor. Trabalhou no suplemento *O Estadinho*, como colaborador, a partir de 1984.

¹²Aldy Maingue é professor na Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalhou no suplemento *O Estadinho*, como colaborador, a partir de 1984.



da cidade, que em certa medida reforça a representação de uma cidade bonita, com muita natureza, porém com essas “belezas” ameaçadas pela construção civil e por todos os problemas decorrentes de falta de planejamento urbano.

Figura 12 – Quadrinhos dos personagens Cabelo e Pepeco



Fonte: O Estadinho (21/10/1984)

O quadrinho acima, exibido em 21 de outubro de 1984, aponta para modificações em curso na cidade a partir dos dizeres do passarinho: “Não tem galho pra pousar” e “Será que já derrubaram todas as árvores?”. (O ESTADINHO, 21/10/1984). São as novas paisagens ocupando o cenário bucólico de uma cidade em pleno processo de verticalização e modernização.

Construiu-se uma Imagem de Florianópolis: Uma Tentativa Conclusiva

Como qualquer outra cidade, Florianópolis foi formada a partir de diferentes movimentos e estratos de tempo, aos poucos conjugados por ações e vontades não só de seus habitantes, mas de pressões advindas de sistemas abrangentes que influenciam fluxos econômicos e populacionais (LOHN, 2016, p. 11).

Florianópolis, assim como muitas outras cidades brasileiras, viveu entre os anos de 1972 e 1986 momentos políticos bastante diversos e conturbados. De Ditadura militar a Diretas já foram vários os planos, ideias, movimentos que foram modelando e (re)modelando as cidades. Seus habitantes que partilharam dessa agitação, dessas ideias e planos também puderam participar desse movimento de mudanças. Por meio da leitura de jornais, sensibilidades foram lançadas, a partir de anúncios publicitários, fotos, reportagens e até mesmo um suplemento infantil que circulou no estado, atuou na construção de novos valores, gostos e necessidades.

Leitores dos impressos utilizados neste estudo, fizeram sua “caça”, ou sua “peregrina[ção] por um sistema imposto”, entretanto aquilo que lhes fora dado a ler, não



atribui passividade, tampouco um consumo às cegas (CERTEAU, 1990, p. 264). O que se veiculava nos jornais e suplementos aqui estudados teve papel importante na circulação da representação de Florianópolis como uma cidade moderna e bela, entretanto isso não significa que todos os seus leitores tivessem ou construíssem a mesma representação da capital catarinense. Num período de aproximadamente 14 anos, percebeu-se que, tanto nos jornais como nos suplementos, as alterações no cenário catarinense, sobretudo, na capital foram discutidas. Em alguns momentos, com tom de denúncia, em outros, como sinônimo de progresso.

O intuito do governo militar em homogeneizar a capital de Santa Catarina, aliado ao processo de expansão imobiliária, deu a ver, sobretudo, pelas lentes dos jornais, uma cidade que se esmerava de sua beleza e recebia de braços abertos todas as comodidades de uma vida moderna. Entretanto, esse novo jeito da capital que se verticalizava, que recebia a cada dia novos moradores, que se encantava com o consumo, alterava também a relação das pessoas com essa mesma cidade e também as representações sobre ela. Os problemas sociais, que aumentaram a marginalização e a pobreza; os problemas com a falta de segurança; a ocupação desordenada; os perigos do trânsito; falta de planejamento urbano, a precariedade em certos serviços públicos – devido ao aumento populacional –, também fizeram circular outras representações de Florianópolis.

Entretanto, o que saltou aos olhos foram as construções acerca da representação de Florianópolis como uma cidade linda – cheia de belezas naturais –, tranquila e com infraestrutura para viver bem. Tudo isso arquitetado por um movimento intenso em fazer da cidade provinciana uma metrópole. Um projeto do governo militar, muito bem acolhido pelo mercado imobiliário que tornou, em grande medida, o jornal impresso, por meio de anúncios, um importante veículo de propagação da imagem de Florianópolis como um lugar ideal para se viver, ou melhor, ideal para se viver em determinados imóveis. Tanto nas páginas do jornal O Estado como em seu Suplemento Infantil em O Estadinho foi possível, enfim, encontrar a representação que alia beleza e modernidade a capital que busca desvencilhar-se, no presente, do rótulo de cidade provinciana e atrasada.

Referências

ACORDI, Carla; FREIRE, Felício Mourão. Florianópolis como cidade na ditadura: urbanização, milagre econômico e habitação no regime militar. In. CAMPOS, Emerson Cesar



de; FALCÃO Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Orgs.). **Florianópolis no tempo presente**. Florianópolis: Editora da UDESC e DIOESC, 2010.

BERGER, Paulo. **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC: Assembleia Legislativa, 1984.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CEZAR, Temístocles. Registro fundadores: as primeiras visões de estrangeiros. In: PINHEIRO, Líliliana. **O olhar dos viajantes**: o Brasil ao natural. São Paulo: Dueto, 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Mensageiros de sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (Florianópolis, 1946 – 1952). In: MORGA, Antônio Emílio. **História, cidade e sociabilidade**. Itajaí: Casa Aberta, 2011.

DUARTE, Rafaela. **Diretas Já em Santa Catarina**: o movimento de redemocratização nos textos e imagens dos jornais O Estado, A Notícia e Jornal de Santa Catarina (1984). 2011. 135 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FANTIN, Marcia. **Cidade dividida**. Florianópolis: Futura, 2000.

FERREIRA, Francisco Antônio Carneiro. Natureza e projeto urbano na Ilha de Santa Catarina. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Estética e modernidade: à guisa de introdução. In: FLORES, Maria Bernadete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (Orgs.). **A casa do baile**: estética e modernidade em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

GOULARTI FILHO, Alcides; RABELO, Giani. Planejamento, crescimento econômico e desigualdades sociais. In: BRANCHER, Ana Lize; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Orgs.). **Histórias na ditadura**: Santa Catarina (1964 – 1985). Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JORNAL DE SANTA CATARINA. **Blumenau**, 12 e 13 de outubro de 1982.

JORNAL DE SANTA CATARINA. **Blumenau**, 9 e 10 de maio de 1974.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Editora PUC/Rio, 2014.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Artífices do futuro**: cultura política e a invenção do tempo presente em Florianópolis (1950-1980). Florianópolis: Editora Insular, 2016.

MATOS, Felipe. **Uma ilha de leitura**: notas para uma história da cidade através de suas livrarias, livreiros e livros. 2005. 135f. Monografia (Graduação em História) – Centro de



Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MEDEIROS, Clóvis. Alguns pontos relevantes sobre a discussão do urbanismo. **O Estado**, 28 de março de 1982.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Florianópolis: o direito e o avesso. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

O ESTADINHO. **Florianópolis**, 10 de dezembro de 1972.

O ESTADINHO. **Florianópolis**, 26 de janeiro de 1975.

O ESTADINHO. **Florianópolis**, 21 de outubro de 1984.

O ESTADINHO. **Florianópolis**, 14 de abril de 1985.

O ESTADO. **Florianópolis**, 1 de fevereiro de 1976.

O ESTADO. **Florianópolis**, 7 de fevereiro de 1976.

O ESTADO. **Florianópolis**, 8 de fevereiro de 1976.

O ESTADO. **Florianópolis**, 23 de julho de 1983.

O ESTADO. **Florianópolis**, 3 de outubro de 1983.

O ESTADO. **Florianópolis**, 15 de fevereiro de 1985.

O ESTADO. **Florianópolis**, 12 de outubro de 1985.

O ESTADO. **Florianópolis**, 20 de outubro de 1985.

O ESTADO. **Suplemento Especial Indústria**. Florianópolis: s/d.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa & poder**: a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis: FCC, 1992.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. Florianópolis como espaço público. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

SANTOS. Nádia Maria Weber. Representações, verdades e sensibilidades. In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos; PATRIOTA, Rosangela. **Olhares sobre a história**: culturas, sensibilidades, sociabilidades. São Paulo: Hucitec; Goiás: PUC/Goiás, 2010.